

| RELATÓRIO DE OFICINA PARTICIPATIVA |
|---|
| INFORMAÇÕES GERAIS |
| <p>Tema da Oficina: Oficina Participativa de Consulta, Livre Prévia e Informada – CLPI.</p> <p>Objetivo da Oficina: Consulta Pública do Programa Jurisdicional de REDD+ do Estado do Tocantins.</p> <p>Comunidade: Povo Indígena Xerente (Akwẽ). TI Xerente: aldeias das regionais Brejo Comprido, Brupré, Porteira/Recanto Kité, Suprawahã e Tkaiwe. TI Funil: aldeias da regional Funil.</p> <p>Local: Centro de Ensino Médio Xerente Warã (CEMIX) - Território Indígena Xerente, município de Tocantínia - TO.</p> <p>Data: 22 de maio de 2025.</p> <p>Duração: 1 dia.</p> |
| EQUIPE ENVOLVIDA |
| <p>Moderadores: Lucélia Neves, Josafá Paz de Souza, Gabriella Vasconcelos, João Martins</p> <p>Reladoras: Millena Silva Cruz e Andréa Luiza Collet</p> <p>Facilitador Gráfico: Paulo Henrique de Carvalho</p> <p>Tradutores: Julimar Calixto Xerente e Larieny Smikadi de Brito Xerente</p> <p>Técnicos em Comunicação: Ana Paula Nunes da Costa e Edvaldo Xerente</p> <p>Recreadores: Sávio Danrley de Souza e Roberta Mendes</p> <p>Representante do Poder Público: Isabel Acker, Fabio Henrique de Sousa e Ravenna P. P. Vieira (Pontos Focais do Estado/SEMARH), Paulo Waikarnãse Xerente - Secretário Estadual/SEPOT) e Célio Torkã Kanela (Ponto Focal do Estado/SEPOT); Pedro Andrade e Roseneide Mendonça de Sena Caldera (consultores Tocar).</p> <p>Outros participantes com papel relevante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Clarisse Marina dos Anjos Raposo – Chefe do Serviço de Gestão Ambiental e Territorial e Ambiental da Funai – Coordenação Regional Araguaia-Tocantins. - Luiz Eduardo Lian Biagioni - Funai - Oscar Skwakarkwa Calixto Xerente - Funai - Marcos Xerente – Coordenação Logística Territorial (CTL) – Funai - Reginaldo Xerente - Secretário municipal de Assuntos Indígenas de Tocantínia |

- Leomar Xerente (vereador em Tocantínia)
- Edimar Xerente (vereador em Tocantínia)
- Elso Krensu Xerente (vereador em Tocantínia)
- Cacique Marquinho Karajá – Presidente da Arpit (Articulação dos Povos Indígenas do Tocantins)

Caciques da Região Funil:

- Elso Krensu Xerente
- Linda Wsakredi Xerente
- Agnaldo Donsõkekwa Xerente
- Carlito Suêkrwmê Xerente
- José Wilson Xerente
- Renato Samuru Xerente
- Gerivan Samuru Xerente

Caciques da Região Brupré:

- Elias Xerente
- Antônio Carlos Xerente
- Paulo Carlos Xerente
- Manoel Soupe Xerente
- Ricardo Xerente
- Izabel Xerente
- Elza Nãmnãdi Xerente
- Edmilson Xerente
- Bonfim Xerente
- Newton Xerente
- Valdomiro Xerente
- Maciel Ktemekwa Xerente

Caciques da Região Porteira/Krité:

- Valdemar Xerente
- Leomar Wainre Xerente
- Ricardo Wakrãwi Xerente
- Sebastião Srêzbazute
- Iracema Xerente
- Jacira Xerente
- Márcio Sromne Xerente
- Eduardo Kumsêrâ Xerente
- Eloi Srêkbwpre Xerente
- Elizabete Xerente

Caciques das Regiões Tkaiwe, Suprawarã e Rio Sono:

- Paulo Wakezane Xerente
- Edivaldo Xerente
- Tony Kirtitênkê Xerente
- Maurício Srêkrwmê Xerente
- Noemi Wakrdadi Xerente
- Reinaldo Kupte Xerente

Caciques da Região Brejo Comprido:

- Eurípedes Suzawre Xerente
- Eduardo Sipahimêkwa Xerente

QUINTA-FEIRA, 22 DE MAIO DE 2025**PARTICIPANTES**

1. Maria Tereza Castro Miranda (Palmas/Topar)
2. Júnior José (Palmas)
3. Edvaldo Sullivan Xerente (Tocantínia)
4. Isaías Xerente (aldeia Brejo Comprido)
5. Edson Xerente (aldeia Brejo Comprido)
6. Valcir Xerente (aldeia Brejo Novo)
7. Ricardo W. Xerente (aldeia Cercadinho)
8. Eduardo Xerente (aldeia Santa Fé)
9. Nilton Carlos Xerente (aldeia Santa Fé)
10. Evaldo P. Xerente (aldeia Santa Fé)
11. Edvanda Kredi Xerente (aldeia Santa Fé)
12. Luana Sibakadi da Silva Xerente (aldeia Cercadinho)
13. Kleber Xerente (aldeia Porteira)
14. Kirtitênkê Tony de Brito Xerente (aldeia Ktepo)
15. Valmir Hkâwê Calixto Xerente (aldeia Brejo Comprido)
16. Antonio Carlos Xerente (aldeia Mirassol)
17. Vanderley S. Xerente (aldeia Brejo Comprido)
18. Manoel Sukê Xerente (aldeia Galho Grande)
19. Selma Wakedi Xerente (aldeia Santa Fé)
20. Iracema Arbodi Xerente (aldeia Rocinha)
21. Sueli Waridi Xerente (aldeia Cachoeira)
22. Jacira S. de Brito Xerente (aldeia Montes Belos)
23. Edna Anakredi Xerente (aldeia Brejo Comprido)
24. Dilma K. Xerente (aldeia Rio Preto)
25. Elivanda Sibaka Xerente (aldeia Santa Fé)
26. Rafael Xerente (aldeia Brejo Comprido)
27. Eurípedes S. Xerente (aldeia Brejo Comprido)
28. Erisvaldo Hesukamekwa Xerente (aldeia Brejo Comprido)
29. Selma Sekwahidi S. B. Xerente (aldeia Brupré)
30. José Augusto S. Xerente (aldeia Aparecida/Funil)
31. Aguinaldo Damsôke Xerente (aldeia Pé da Serra)
32. João Paulo Skrawê Xerente (aldeia Baixa Funda)
33. Elga M. Xerente (Traíra)
34. Railma Arbodi Xerente (aldeia Brejo Comprido)
35. Juliana Brutudi S. Xerente (aldeia Brejo Comprido)
36. Simone Wakrtadi Xerente (aldeia Rumão)

37. Bonfim Pereira Rodrigues Xerente (aldeia São José)
38. Ronan N. de Brito Xerente (aldeia Ktêpo)
39. Creuza da Silva Xerente (aldeia Cercadinho)
40. Elso Xerente (aldeia Funil)
41. Ercivaldo D. C. Xerente (aldeia Brejo Comprido)
42. Nilson Hkâwé Xerente (aldeia Funil)
43. Vanilda Brupahi da Silva (aldeia Rumão)
44. Marlene Gomes Xerente (aldeia Boa Esperança)
45. Linda Assakre Xerente (aldeia São Bento)
46. Marluce Sibakadi Xerente (aldeia Aparecida)
47. Simonia Sibâdi Xerente (Bom Jardim)
48. Eneida Brupahi Xerente (aldeia Funil)
49. Betiza Rizade Xerente (aldeia Boa Esperança)
50. Leomar Wainne Xerente (aldeia Nova)
51. Edite Smikidi M. Brito (aldeia Wdêpazaro)
52. Sebastião S. Xerente ((aldeia Rumão)
53. Augusto M. Xerente (aldeia Mata Verde)
54. Marcio Srommem Xerente (aldeia Vão grande)
55. Renato S da M. B. Xerente (aldeia Wdêpazaro)
56. Valdemar S. Xerente (aldeia Kité)
57. Mauricio Srêkrwmê Xerente (aldeia Serrinha)
58. Fernando B. Souza (aldeia Boa Vista)
59. Nelson S. Xerente (aldeia B. Novo)
60. Rogenis Sipriké Xerente (aldeia Bom Jardim)
61. Reginaldo S. Xerente (Tocantínia)
62. Edimar Xerente (aldeia Riozinho)
63. Ravena Eline Oliveira dos Reis (aldeia Riozinho)
64. Eva Sikupti Xerente (aldeia Boa Esperança)
65. Valnir da Mata de Brito (aldeia Suprawahâ)
66. Edivaldo Kmonse Xerente (aldeia Suprawahâ)
67. Oscar S. Calixto (aldeia Suprawahâ)
68. Noemi da Mata B. Xerente (aldeia Boa Vista)
69. Valdirei S. Calixto Xerente (aldeia Rio Sono)
70. Rogério S. de Castro Xerente (aldeia Aparecida/Belo Horizonte)
71. Eduardo Biagioni (Funai/Palmas)
72. Marlete Waikwadi Xerente (aldeia Cabeceira Verde)
73. Mayla Dias Karajá Amorim (aldeia Manoel Achurê)
74. Marcelo Santos Tewachure Karajá (aldeia Manoel Achurê)
75. Silvia Letícia S. Xerente (aldeia Belo Horizonte)
76. Newton D. Calixto (aldeia Lajeado)
77. Carlito Xerente (aldeia Funil)
78. Renato S. Xerente (aldeia Rio Verde)
79. Valdez S. Xerente (aldeia Buritizal)
80. Marcelo S. Xerente (aldeia Brupré)
81. Elias S. Xerente (aldeia Brupré)
82. Paulo Batista Xerente (aldeia Coqueiro)
83. Ijuha Xerente (aldeia Maracujá)
84. Edmilson K. Xerente (aldeia Pôr do Sol)
85. Gilda Xerente de Souza (aldeia Lajeado)
86. Carlos Alexandre P. Xerente
87. Nelsimar P. Xerente (aldeia Bom Jardim)
88. Reinaldo Xerente (aldeia Funil)
89. Izabel de Brito (aldeia Zé Brito)
90. Gerivan Samure Xerente (aldeia Nascente)
91. Reinaldo Kupte Xerente (aldeia Morrinho)

92. Samuel Xerente (aldeia Zé Brito)
93. Vanda da Mata de Brito (aldeia Sucupira)
94. Jovair Ainaksêikô C. Xerente (aldeia Sucupira)
95. Ronaldo A. Xerente (aldeia Bom Jardim)
96. Anacleia W. Xerente (aldeia Brupari)
97. Eduardo K. Xerente (aldeia Santa Cruz)
98. Elisabete da Silva Xerente (aldeia Piabanha)
99. Paulo Waikarnãse Xerente (Sepot)
100. Ricardo S. Xerente (aldeia Cristalina)
101. Maciel K. Xerente (aldeia Sítio Novo)
102. Edilson Kazdazê Xerente (aldeia Brupré)
103. Julimar S. Calixto Xerente (aldeia Rio Sono)
104. Josafá Paz de Souza (Formoso do Araguaia)
105. Ana Paula S. Mendes (Palmas)
106. Millena Silva Cruz (Palmas)
107. Sávio Danrley de Souza (Palmas)
108. Paulo Henrique de Carvalho (Palmas)
109. Nadya Mayara P. da Silva (Porto Nacional)
110. Ana Paula Nunes da Costa (Formoso do Araguaia)
111. Wilson Tezahi Xerente (aldeia Cercadinho)
112. Rafaella Carvalho Alves (Lagoa da Confusão)
113. Maria Francisca Carvalho (Paraíso do Tocantins)
114. Manoel Murilo (Palmas)
115. Diomarcos M. Corrêa (Formoso do Araguaia)
116. Paulo Alves K. Xerente (aldeia Funil)
117. Newton Ikawe Xerente (aldeia Lajeado)
118. Andréa Luiza Collet (Palmas)
119. Lucélia Neves (Tocantinópolis)
120. Neuziana Kuzêidi Xerente (aldeia Boa Vista)
121. Leonardo Srewe Xerente (Palmas)
122. Thaismara A. de Oliveira Lopes (Palmas)
123. Marcos Jrêmse Xerente (aldeia Bom Tempo)
124. Flavio W. Xerente (aldeia Coqueiro)
125. Edina Kuzêidi Xerente (aldeia Bom Tempo)
126. José Wilson Xerente (aldeia Sucupira)
127. Enidilene Predi Xerente (aldeia Coqueiro)
128. Railma Tpêdi Xerente (aldeia Coqueiro)
129. Camila da Cruz Rodrigues (Lagoa da Confusão)
130. Valdete Wakedi B. S. Xerente (aldeia Boa Vista)
131. Maria de Jesus M. Corrêa (Paraíso do Tocantins)
132. Nayara Smikidi Xerente (aldeia Boa Vista)
133. Lucivanda Zârê Xerente (aldeia Funil)
134. Wilson Kwasku Xerente (aldeia Funil)
135. Roberta de A. Mendes (Paraíso do Tocantins)
136. Lara Sibakadi (aldeia Coqueiro)
137. Raiana Brupahi Xerente (aldeia Coqueiro)
138. Marli Wakrtadi Xerente (aldeia Coqueiro)
139. Eva Katadi Xerente (aldeia Bom Tempo)
140. Vilmar W. P. B. Xerente (aldeia Rio Sono)
141. Aline Asate Xerente (aldeia Coqueiro)
142. Yasmin Krêdi Xerente (aldeia Macaúba)
143. Tatiana Asakredi Xerente (aldeia Coqueiro)
144. Valquiria Tpêdi Xerente (aldeia Bom Tempo)
145. Waiti Xerente (aldeia Rio Sono)
146. Mayara Smikidi Xerente (aldeia Macaúba)

147. Maisa Krêdi Xerente (aldeia Coqueiro)
148. Oscar Xerente (aldeia Zé Brito)
149. Adilson Waikahã (aldeia Mata Verde)
150. Lucas Srêpawe (aldeia Bom Tempo)
151. Victor Srêkmoatê (aldeia Bom Tempo)
152. Edilson Samuru (aldeia Mata Verde)
153. Adão Kwatêpo (aldeia Bom Tempo)
154. Genivaldo Nrôrêkmêkwa (aldeia Mata Verde)
155. Moisés Wakmôra (aldeia Bom Tempo)
156. Israel Waikahã (aldeia Boa Vista)
157. Cleonice Xerente (aldeia Bom Jardim)
158. Carmelita K. Xerente (aldeia Nova Aliança)
159. Jamily Xerente (aldeia Nova Aliança)
160. Larieny Smikadi de Brito Xerente (aldeia Ktepô)
161. Gabriella L. Vasconcelos (Palmas)
162. Valquiria Aptudi Xerente (aldeia Boa Vista)
163. Nayara Sibâdi (aldeia Boa Vista)
164. Eslânia Takidi (aldeia Bom Tempo)
165. Rafaela Wakedi (aldeia Santa Fé)
166. Fabiana Smikidi (aldeia Santa Fé)

Abertura

A Oficina de Consolidação do Povo Xerente foi realizada na quadra de esportes do Centro de Ensino Médio Indígena Xerente (Cemix), no dia 22 de maio de 2025, reunindo representantes das seis regiões do território indígena (Brejo Comprido, Brupré, Funil, Porteira/Recanto Krite, Suprawahã e Tkaiwe).

O moderador João Martins (Plantuc) deu início à programação às 9h45, agradecendo a presença de todos e explicando que o momento seria importante para alinhar todas as ações apresentadas nas cinco oficinas realizadas desde o último dia 16. Na sequência, convidou os anciãos Reinaldo Xerente e Manoel Sukê Xerente para fazer a abertura da oficina.

O cacique Srêwê Xerente desejou boas-vindas aos presentes e convidou todos para ficarem em pé, dirigindo uma oração na língua materna, que antecedeu a fala dos anciãos.

O ancião Reinaldo Xerente da aldeia Funil, se dirigiu aos presentes na língua Akwê, tendo a fala traduzida para o Português por Julimar Calixto Xerente (aldeia Rio Sono). O tradutor disse que o ancião iniciou sua fala compartilhando que hoje não existem mais anciãos com mais de 90-100 anos. Destacou que seu discurso não era para que rissem dele, mas para que pudessem aprender e discutir sobre o JREDD+. Lembrou que no passado, antes dos anos 2000, Tocantínia e Porto Nacional eram terras indígenas. Falou também que, pela idade, não está mais fazendo as coisas como fazia antigamente e que lhe resta aguardar o tempo da sua partida, assim como os contemporâneos que já se foram.

O ancião Manoel Sukê Xerente (cacique da aldeia Galho Grande) também fez seu discurso na língua materna.

O tradutor Luiz Carlos Xerente informou que o Seu Manoel trouxe algumas questões muito importantes. O ancião agradeceu a presença dos parentes, falou sobre a importância da arte do discurso para seu povo e que, desde a infância, os Xerente já aprendem a fazer o bom uso da palavra. Enquanto os anciãos falam, em sinal de respeito, o silêncio deve ser guardado pela comunidade. O ancião

também ponderou que a caça e a pesca estão cada vez mais difíceis no território e que as coisas da cidade que chegam às aldeias trazem novas preocupações, como a questão do lixo. O tradutor falou, ainda, que o ancião ressaltou que a comunidade confiava nas ações apresentadas para o JREDD+ e que estava acreditando que elas seriam consideradas. O ancião destacou, ainda, que os representantes devem ter conhecimento - citando os professores como exemplo - para que sejam firmes no momento de defender as propostas na audiência pública.

O moderador João Martins (Plantuc) fez uma saudação nominal aos caciques presentes. Em seguida, convidou o secretário dos Povos Indígenas e Tradicionais do Tocantins, Paulo Waikarnãse Xerente, o presidente da Articulação dos Povos Indígenas do Tocantins (Arpit), Marquinho Karajá, a chefe do Serviço de Gestão Ambiental e Territorial da Funai, Clarisse Raposo, e a ponto focal do Estado, Isabel Acker, para seus pronunciamentos.

Isabel Acker (ponto focal do estado) expressou sua alegria pelo momento, destacando que durante a oficina de consolidação seria somado tudo o que havia sido trabalhado nas oficinas regionais do território Akwẽ, aproveitando para agradecer a presença dos representantes e das pessoas que estavam acompanhando a finalização da oficina formativa. Isabel também agradeceu a presença do secretário Paulo Xerente, enfatizando que a Secretaria dos Povos Indígenas e Tradicionais era como uma “irmã” da Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh), sendo um apoio e base consistentes na construção da política pública do JREDD+. Agradeceu também a participação da equipe da Funai no suporte e orientação ao trabalho desenvolvido nas oficinas e da Arpit, que vem acompanhando o processo desde o início.

Clarisse Raposo (Funai) iniciou sua fala lembrando que a rodada de oficinas nas regiões do território Xerente foi intensa e mobilizou muito a atenção de todos. Clarisse afirmou: “Este é o momento mais importante - de fazer uma conversa só. Ver como o Akwẽ está pensando e como está construindo uma proposta que atenda aos anseios e necessidades de vocês”. Ela reiterou a fala dos anciãos, destacando a importância da terra e da necessidade do empenho dos jovens para manter tudo vivo.

A representante da Funai seguiu dizendo que a proposta do *ktâwamõ* (não indígena) havia sido apresentada durante as oficinas, incluindo o sistema de garantias legais para que os direitos dos povos indígenas sejam respeitados pelo programa e incentivou os presentes a “colocar o pensamento firme para ver como os direitos do povo Akwẽ serão garantidos”. Questionou se todos haviam entendido como se dará a repartição de benefícios e como será o acesso aos benefícios.

Clarisse retomou a fala dos anciãos para explicar que durante a audiência pública os representantes do povo Akwẽ precisarão se posicionar diante dos demais grupos para tomar a melhor decisão possível, o que exige certo grau de amadurecimento. Clarisse tranquilizou os presentes, citando que ela e sua equipe fariam intervenções no decorrer da programação para clarear as dúvidas. Finalizou dizendo: “O papel da Funai nas oficinas é de acompanhamento para garantir que o direito de vocês seja respeitado no processo; que a consulta seja feita de forma clara, honesta e transparente. É direito de vocês serem ouvidos e participarem da construção”. Enfatizou, ainda, que a Funai continuaria à disposição para promover o diálogo de mediação entre os indígenas e os demais atores do programa.

O tradutor Julimar traduziu a fala de Clarisse na língua Akwẽ.

Marcos Xerente (CTL/Funai) se dirigiu aos presentes na língua materna, tendo sua fala traduzida para o Português na sequência. Ele explicou que trabalha na CTL e gostaria de acompanhar todas as oficinas, mas como aconteceram simultaneamente não pôde estar em todas. Disse que acompanhava a Clarisse para tirar dúvidas e que não poderia participar da escolha de representantes por ser servidor público. Lembrou que os anciãos sempre falam que “agora é com vocês - netos e filhos -, pois já tinham lutado para conseguir a demarcação das terras”.

O presidente da Arpit, Marquinho Karajá, destacou que o JREDD+ é muito importante quando as questões climáticas são discutidas, citando como exemplo os terremotos e demais eventos extremos que afetam o mundo todo. Lembrou que os países ricos já haviam destruído boa parte dos recursos naturais e deveriam pagar por isso. Considerou que os povos indígenas não são respeitados no próprio país, sendo tratados como ‘preguiçosos’, mas que agora o olhar do mundo estava sobre eles. Marquinhos (Arpit) destacou: “Precisamos mostrar ao mundo a nossa importância a nossa vida, cultura, forma de preservar é diferente - ninguém precisa nos ensinar a preservar”. Completou citando que os mais velhos lamentam que no Cerrado não encontram mais nada - não tem caça nem peixe e a soja está tomando conta das terras ao redor dos territórios. Citou o exemplo do Rio Javaé, onde as dragas que bombeiam a água para a irrigação das grandes áreas de lavoura estão destruindo o ecossistema, inclusive a fauna. Foi enfático: “O Tocantins possui uma das leis mais rigorosas, mas precisa cumprir - precisamos da garantia de que será cumprida”. O presidente falou que em breve a comunidade indígena poderá contar com o suporte do escritório da Arpit em Palmas e que a entidade vai reunir a liderança indígena do Estado e seus representantes, antes da audiência pública, para discutir os encaminhamentos e defender a proposta com segurança e suporte de um especialista da área.

Em seguida, o secretário estadual dos Povos Indígenas e Tradicionais, Paulo Waikarnãse Xerente, se dirigiu ao público na língua akwẽ, fazendo a tradução no final. Ele agradeceu a presença de todos, destacando que o JREDD+ não é uma política pública feita exclusivamente por um órgão, mas resulta da união de esforços. Citou que o território Xerente está a pouco mais de 70 quilômetros da Capital e que, por sua área preservada, forma um cinturão verde, cercado por cidades e grandes produtores rurais. Citou que não é por acaso que a COP30 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas) será realizada em Belém no mês de novembro, pois a Amazônia, considerada o pulmão do mundo, está sendo queimada. Paulo Xerente enfatizou a urgência das organizações indígenas estarem fortalecidas. O secretário disse: “Sem organização, o povo não caminha. Precisa chegar de igual para igual ao Governo e outras instâncias”. Lembrou que o JREDD+ traz diretrizes e encaminhamentos para proteger o território com uma metodologia focada no clima. Paulo Xerente (Sepot) se dirigiu ao presidente da Arpit, reiterando a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as mudanças climáticas e promover a união entre as etnias do Estado”.

O moderador João (Plantuc) também agradeceu a presença dos vereadores indígenas presentes e do secretário municipal de Assuntos Indígenas de Tocantínia, Reginaldo Xerente.

Objetivos da Oficina de Consolidação

Na sequência, o moderador João (Plantuc) explicou que sua função era conduzir o processo e facilitar o diálogo e apresentou a equipe que o acompanhava. Passou para a definição dos três objetivos da Oficina de Consolidação.

O moderador explicou que os painéis apresentavam as ações propostas por cada oficina realizada nas regionais e que elas vão modular o programa voltado aos PIQPCTAF (Povos Indígenas e Quilombolas, Povos e Comunidades Tradicionais, e Agricultores Familiares). Explicou que durante a consolidação, as ações seriam agrupadas por categoria e nada seria descartado, mesmo que tenha ocorrido uma única vez. Essas ações vão compor o documento que será apresentado na audiência pública.

João (Plantuc) falou também que na oficina de consolidação seria indicada a entidade representativa dos povos indígenas para compor as instâncias de governança do JREDD+.

E, por fim, o terceiro objetivo seria a indicação dos quatro representantes do povo Akwẽ para a audiência pública.

Alguns participantes pediram a palavra.

O professor Ercivaldo (aldeia Brejo Comprido) se dirigiu ao público na língua materna, explicando em Português na sequência. Ercivaldo informou que antes do início da oficina, o grupo tinha se reunido para discutir sobre o número de representantes para a audiência pública. Explicou que são um único povo, mas com dois territórios indígenas (Akwẽ e Funil) e solicitou que o número de representantes fosse revisto, considerando se tratar de duas áreas indígenas. Pediu que sua solicitação fosse registrada e convidou os presentes a se manifestarem.

Silvia Xerente (aldeia Belo Horizonte) iniciou dizendo que havia se criado profissionalmente no Cemix e estava muito feliz por estar no local da oficina. Disse que quatro representantes para o povo Akwẽ não eram suficientes para as duas terras. Disse que, desde o princípio, trabalham com a dualidade - um povo só, mas divididos em duas terras: Funil e Xerente. Destacou que a demanda é grande para quatro pessoas. Silvia enfatizou que haja espaço de participação para as duas terras, visando ao equilíbrio do povo Xerente.

O cacique e vereador Leomar Xerente (aldeia Nova) também falou sobre as demandas da comunidade, solicitando o aumento de vagas em virtude do tamanho do território. Lembrou que a Constituição garante a autonomia dos povos indígenas e que gostaria que a solicitação de mais representantes fosse considerada.

Elso Krensu Xerente (cacique da aldeia Funil) disse que o momento da plenária era importante para a discussão e dar um “arrocho”. O cacique enfatizou que não abria mão de ter quatro representantes exclusivos do território Funil e que essa era uma proposta para fortalecer a cultura do povo Akwẽ. Disse que a oficina foi conduzida por quase 40 pessoas “que foram confrontar com eles” e que o número de representantes demonstrava desigualdade. Na sua opinião, um número bom de representantes do povo Akwẽ seria de 20 pessoas.

O cacique Antônio Carlos (aldeia Mirassol) falou na língua Akwẽ. Com a ajuda da tradutora Larieny Smikadi Xerente (aldeia Ktepô), relatamos que o líder considerou que o território Xerente é grande, mas que não deveriam tomar decisões precipitadas. Disse que antes de definir a quantidade de representantes, deveriam se preocupar com o equilíbrio entre as duas terras.

A coordenadora do Cemix, Edite Smikidi (aldeia Wdêpazaro), falou na língua Akwê e depois traduziu para Português. Ela se apresentou e fez um breve relato sobre a experiência em 2012, quando migrou para o estado do Pará em busca de sobrevivência e melhores condições de vida. Disse que não foi fácil por causa de alguns conflitos financeiros e políticos, mas que a experiência tinha valido a pena pois voltou com uma bagagem para poder contribuir com a educação do seu povo Akwê, que foi muito válida. Edite reforçou a importância de ter um número grande e disse para terem cuidado pois, embora sejam dois territórios do povo Xerente, eles são um povo só e essa conquista de dois territórios foi coletiva. Terminou agradecendo a todos.

O professor Rafael (aldeia Brejo Comprido) falou na língua materna e com o apoio da tradutora Larieny, relatamos: “Acredito que nesse momento devemos ter todo o cuidado para não entrarmos em conflito, somos um povo só! Temos nossos territórios em dois, mas quando se pensa mais profundamente não somos dois povos e sim um povo só. Vamos nos respeitar, queremos que todos sejam beneficiados, devemos pensar e decidir da melhor forma possível”.

O secretário municipal de Assuntos Indígenas de Tocantínia, Reginaldo Xerente, falou na língua materna e com a ajuda da tradutora, relatamos: “Estamos aqui divididos por clã, estamos aqui juntos porque tem que ter representações masculinas e femininas também, essa é a minha colocação”.

O advogado e professor Rogério Xerente (aldeia Aparecida/Belo Horizonte) falou com os presentes em Akwê, traduzindo para Português na sequência. Disse que é professor indígena e advogado, que estava presente para contribuir e que, em 2023, havia feito um curso sobre o JREDD+. Falou que o assunto já tinha sido discutido na terra indígena Funil antes mesmo da oficina de consulta ser planejada, o que contribuiu para que mulheres, jovens e anciãos pudessem entender melhor o programa, pois já tinham amadurecido as informações. Destacou que o Funil havia considerado a necessidade de ter mais representantes e justificou a reivindicação por serem o maior território, a maior população e dois territórios. Enfatizou a importância da oficina para discutir o que precisa e que possam ser representados na próxima etapa.

O ponto focal do Estado, Célio Kanela (ponto focal do estado) solicitou que a proposta da oficina de consolidação fosse mantida, finalizando o encaminhamento das ações importantes para o povo Xerente para, em seguida, discutir a questão dos representantes. O moderador João reiterou que a programação previa olhar para as propostas primeiro.

O senhor Nelson Xerente (ancião) fez uso da palavra, se dirigindo à plenária na língua Akwê: “Estamos aqui reunidos com apenas dois anciãos e eu estou para poder dar o apoio a vocês. Temos nossos jovens também. Não vamos entrar em discussão; vamos nos ajudar e dar força uns aos outros. Estou aqui humildemente, não queria que alguns se sentissem mais importantes. Peço humildemente que não se dividam ou briguem. Vamos todos juntos, em uma decisão unânime. Os não indígenas trouxeram a proposta pra nós. O desafio é e será grande, sejam cautelosos, em qualquer decisão”.

O cacique Eurípedes Xerente (aldeia Brejo Comprido) falou na língua Akwê, tendo a seguinte tradução: “Gostaria de falar para definirem todas as questões com sabedoria, independentemente de qualquer coisa, vamos entrar em acordo”.

A cacica Jacira Xerente (aldeia Montes Belos) também falou na língua materna,

dizendo não concordar sobre a quantidade de representantes, pois acredita que quatro pessoas é uma quantidade pequena; ela também pensa que o pessoal (representantes do JREDD+) não irá acatar a solicitação de aumentar o número de representantes porque a quantidade já veio definida.

O tradutor Julimar Xerente disse que não tinha ouvido com antecedência sobre o aumento no número de representantes, mas que antes de começar a oficina, o grupo chegou com a proposta de aumentar o número para 8 ou 10, considerando serem 2 territórios.

O representante da Sepot, Célio Kanela (ponto focal do estado), informou que os representantes não executarão projetos e não tomarão decisão sobre a aplicação dos recursos. Destacou que os povos indígenas terão 32 representações na audiência pública e os demais grupos do JREDD+ têm somente 24 representantes. Célio também considerou o tamanho de cada grupo representado, sendo 20 mil indígenas; 159 mil pequenos, médios e grandes agricultores e 43 mil agricultores familiares. Célio Kanela reforçou que os povos indígenas são maioria em número de representantes na audiência pública e que o segmento do agronegócio pode querer igualar ou ultrapassar a sua representatividade. Disse que entre os agricultores familiares a questão do número de representantes já estava validada e que a última oficina estava prevista para o fim de semana. Célio enfatizou que a proposta de aumento no número de representantes dos povos indígenas causa apreensão. Em seguida, explicou que o papel dos representantes é confirmar se todas as ações importantes propostas estarão no documento que será apresentado na consulta on-line e audiência pública e, com o fim da audiência, termina a representatividade.

A ponto focal do Estado Isabel Acker (Semarh) disse que o papel dos representantes é garantir o processo da consulta, que os representantes não vão tomar nenhuma decisão sozinhos e a missão é: acompanhar o processo, ter disponibilidade e responsabilidade de ficar de olho, divulgar a proposta para as comunidades. Ela reforçou a importância da fala do Célio Kanela, pois não é a equipe presente na oficina que decidirá se haverá ou não mais representantes porque a alteração no número de representantes poderá acarretar a mudança de todo processo (os demais grupos poderão querer aumentar o número de representantes também). Ressaltou, ainda, que os representantes não tomam decisão.

Clarisse (Funai) enfatizou que as questões que são importantes para o povo Xerente devem ser discutidas e reforçou a postura do Estado, que é raro promover um processo de consulta, onde as diferentes partes estão juntas tomando uma decisão. Clarisse disse: “Nós concordamos que os representantes que vão votar na audiência pública sejam capacitados, que consigam entender o programa e voltar às suas bases, para ouvir todos; a voz deles tem que ser a voz dos Akwẽ também. Quem será o representante tem que ter essa condição de estar em ‘dois mundos’, ter um bom temperamento, ou seja, ser diplomático”. Para a representante da Funai, a capacitação dos representantes dos povos indígenas deve ser oferecida pelo Estado. Clarisse reforçou as características indispensáveis aos representantes bem como o conhecimento do povo e de seu território (organizado em clãs).

Clarisse questionou como o estado do Tocantins pretende definir as prioridades do que será validado durante a audiência pública. Nesse sentido, ela lembra que se torna importante a representação relativa de povo para povo, para que todos tenham voz, citando as particularidades e diferenças entre as etnias. A representante da Funai recorre ao ditado ‘dividir para dominar’, propondo uma

reflexão: “É uma questão complicada e pensando estrategicamente, a divisão nunca é interessante. Quanto mais dividido, mais fácil de dominar garantam, sim, o número que seja interessante para vocês, mas também pensem na coesão dos escolhidos”.

O cacique Elso, da aldeia Funil, contesta a proposta de quatro representantes por considerá-la insuficiente. Ele defende que o mínimo deveria ser dez, proporcionalmente ao tamanho do território e à diversidade de demandas comunitárias. Segundo o cacique, quatro representantes comprometem o atendimento às solicitações específicas de cada aldeia, enquanto dez garantiriam uma representação mínima adequada às necessidades territoriais.

O professor Ercivaldo cobra que a Semarh se manifeste em relação à proposta de dez representantes para o povo Akwẽ e se dirige à plenária na língua materna.

O moderador João pergunta se algum ponto focal do Estado pode responder a pergunta para que os encaminhamentos pertinentes possam ser feitos.

A ponto focal Rose (consultora Tocar) saudou e parabenizou os presentes, explicando que as oficinas participativas de consulta são um processo novo e rico, portanto ainda sem referências. Disse que esteve em duas oficinas no território Xerente e que é muito bom para o Estado ter essa riqueza dos povos indígenas. Rose destacou: “O estado tem responsabilidade com a construção desse projeto - estamos aprendendo com o processo. Vamos acolher a proposta de aumentar o número de representantes - o argumento de vocês é legítimo - nós temos dois territórios, sete regionais, e o número de aproximação é de oito”.

Rose explicou que a programação seria alterada para acolher a reivindicação de iniciar pela escolha de representantes e perguntou a também ponto focal Isabel Acker (Semarh) se a proposta sobre os 10 representantes poderia ser considerada. Rose também perguntou à plenária se todos os interessados em participar da audiência pública estavam presentes. Na sequência, a ponto focal do Estado apresentou algumas possibilidades, alternando o número de representantes entre suplentes e titulares. Rose explicou que a solicitação de aumento no número de representantes seria encaminhada como uma proposta para apreciação da Coordenação Superior do programa jurisdicional e para o GT Salvaguardas. Disse que as regras não poderiam simplesmente ser alteradas, mas que havia a necessidade de formalizar e consultar. Demonstrou, ainda, um possível efeito cascata nas próximas oficinas caso a proposta seja validada.

Todos os arranjos apresentados por Rose foram refutados pela plenária. Os caciques Tony Xerente (aldeia Ktepo) e Newton (aldeia Lajeado) reiteraram que a proposta apresentada era de dez representantes do povo Akwẽ. Questionaram se seria possível considerar o pedido dos caciques.

O moderador João fez uma breve recapitulação, explicando que a proposta da indicação de dez nomes seria levada para as instâncias superiores para saber se será validada. Que estava sendo firmado o compromisso de levar a solicitação e dar retorno sobre a decisão que será tomada. O moderador sugeriu que os nomes fossem definidos, seguido da pausa para o almoço e retomada da programação.

O cacique Paulo Carlos (aldeia Jenipapinho) disse que veio defender a opinião do seu povo. Disse que a legislação, citando a Convenção 169, destaca que as opiniões dos povos indígenas precisam ser respeitadas. Ressaltou: “A JREDD+ veio nos ouvir e eu apoio a sugestão do nosso povo”.

Marquinhos Karajá (Arpit) disse: “Tem muitas coisas que estão previstas na salvaguardas, e vamos deixar claro que isso é uma consulta, não é uma decisão. Quando impõe algo fica complicado, esses critérios têm que respeitar os nossos também, e se não acontecer dessa forma não será validado, pois não se sentirão contemplados e nós paramos no mesmo lugar. O sistema que tem que se adequar a nós se não, não tem validade de dizer que é uma consulta, já fica como consenso de todos, que seja respeitada a decisão do Akwê”.

Maciel Xerente (cacique da aldeia Sítio Novo) explicou que a dualidade faz parte da cultura Akwê: “Ela existe porque aqui não se define nada sozinho, não temos nada a discutir porque nossa organização social é assim, se queremos dez será dez, para que nenhum texto seja retirado, reivindico aqui também a participação das mulheres, para elas estarem mais presentes na discussão”.

Foi realizada a pausa para o almoço e as atividades da tarde tiveram início às 14h.

A ponto focal do Estado e especialista em JREDD+, Isabel Acker, falou que havia se emocionado porque estava feliz pela presença do povo Xerente na proposta das oficinas participativas. Citou momentos anteriores às oficinas, quando a participação foi bem menor.

Isabel (ponto focal do estado) disse também que não poderia ser irresponsável em relação à solicitação de aumentar para dez o número de representantes do povo Xerente. Explicou que a proposta será levada ao GT Salvaguarda e Comitê Gestor (Semarh) para apreciação e que não poderia dar uma resposta na oficina, mas que o retorno será dado assim que possível.

Escolha de Representantes Akwê/Xerente

O moderador João (Plantuc) disse que passariam para a indicação dos nomes dos representantes.

O professor Ercivaldo apresentou uma sugestão na língua Akwê, falando em Português em seguida. O professor disse que o vereador e cacique Elso (Funil) havia feito a sugestão de três indicações do território Funil e os sete restantes do território Xerente (Akwê).

Houve uma pausa para que as comunidades fizessem a escolha dos seus representantes.

Marcos Xerente (chefe da CTL/ Funai) convidou os representantes para se apresentarem.

O moderador João reforçou a importância da representatividade das mulheres.

Ercivaldo (Brejo Comprido) explicou que o Funil indicaria três representantes, que seria indicado um representante para cada uma das seis regiões do território Akwê e que um cacique, representando a liderança indígena, completaria o grupo de dez representantes.

Houve manifestação dos indicados como representantes e liderança presente. Relatamos algumas falas.

O cacique Antônio Carlos (aldeia Mirassol) considerou definir o nome de quatro

representantes durante a oficina, pois há a desconfiança de que os dez nomes não sejam aceitos pelo Estado e eles não podem perder a oportunidade e que seria prudente diminuir o número para ter a certeza dos quatro representantes.

O professor Ercivaldo explicou que a decisão unânime da região Brupré foi indicar só dois representantes, sendo Carmelita a representante das mulheres.

Carmelita (aldeia Nova Aliança) falou que muitos representantes escolhidos já têm cargos públicos, são vereadores ou professores, e que tem muitos jovens já formados que não têm a mesma oportunidade, por isso fez um apelo para que as vagas sejam preenchidas por eles.

A cacica e anciã Izabel Xerente (aldeia Zé Brito), que foi a primeira mulher a assumir o cacicado, usou sua autoridade para exortar o povo: “Vocês estão se dividindo, vamos parar por aqui! Não podemos nos dividir, somos um só povo! Vamos manter o respeito, que tem que existir como antigamente”.

Valmir (vice-cacique da aldeia Brejo Comprido) recomendou: “Pensem e valorizem, vocês que foram indicados, não é bom decidir com pressa. Espero que dê tudo certo pra nós”. Aproveitou para agradecer a presença dos anciãos e falou o nome dos escolhidos por região, sendo:

Região Funil: Rogério Srõne, Elso Kresu, Sílvia Kêti

Região Rio Sono: Valcir Sumekwa

Região Tkaiwe: Tony Kirtitênkê

Região Porteira: Kleber Wairurã e Jacira Sekwahidi

Região Suprawahã: Edite Smikidi

Região Brejo Comprido: Ercivaldo Damsõkekwa

Região Brupré: Marcelo Simripte

João (Plantuc) solicitou ao Julimar Xerente (tradutor) que colocasse o nome dos dez representantes escolhidos no flipchart.

Consolidação das Ações Importantes

O moderador perguntou se poderia prosseguir com a programação, explicando que seria o momento para visualizar as ações importantes apresentadas, que todos lessem as propostas discutidas em cada oficina para consolidar as ações. Disse que algumas ações se repetiam, que novas sugestões poderiam ser incluídas para, assim, definir as ações mais importantes do povo Akwê. O professor Ercivaldo traduziu o que o moderador João (Plantuc) disse e convidou as aldeias para visualizarem as propostas.

Ele explicou que um grupo solicitou reescrever o nome de uma das ações apresentadas e reiterou que este momento era oportuno para fazer ajustes necessários.

O professor Ercivaldo perguntou se, caso não prevaleça a sugestão dos dez nomes, haveria retorno para definir quem serão os cinco nomes dos representantes do povo Xerente.

Isabel (ponto focal do estado) explicou que assim que houver a definição, o resultado será levado ao território para finalizar essa consolidação.

O moderador João convidou a professora Eneida (Funil) para fazer suas

considerações em relação aos painéis produzidos em cada oficina.

A professora Eneida Brupahi Xerente (aldeia Funil) disse: “Quem sabe da casa é quem mora na casa - não é o visitante. As demandas, as dificuldades que existem são muito parecidas, como a questão hídrica - não é só na minha comunidade que existe a falta de água”.

O moderador João abriu a oportunidade para que outros participantes se manifestassem.

Paulo Carlos (cacique da aldeia Jenipapinho) falou na língua akwẽ, traduzindo em seguida. Ele disse que na sua concepção o JREDD+ é uma novidade e que não estava preparado. Sugeriu que técnicos poderiam ter preparado as pessoas antes. Disse que se sentia um pouco confuso porque os povos indígenas já fazem parte do processo (pois já preservam e suas terras representam 22% da área do Estado) e o percentual destinado aos povos indígenas trazia preocupação e que deverá ser discutido mais à frente. Apontou, ainda, o receio de que o número de representantes sugerido - dez pessoas - não seja aprovado.

O moderador João falou que existe o compromisso de retornar com a resposta referente aos representantes e que a preocupação com o percentual estava sendo registrada.

João (Plantuc) explicou que se todos estivessem de acordo com as ações apresentadas, elas seriam transcritas no documento final - a Ajuda Memória.

Rogério Xerente (aldeia Aparecida/Belo Horizonte) observou que as ações se comunicam e que é interessante vivenciar realidades parecidas. Destacou que o que trouxe preocupação à aldeia Funil foi o mesmo apontado pelo Paulo Carlos - a divisão dos benefícios - e não tinha visto o registro dessa inquietação nas propostas. Explicou que a sua comunidade conseguiu visualizar a importância do trabalho do Estado (que fica com 50%), mas que existem dúvidas sobre os outros 50%, que serão divididos por muitos grupos. Solicitou que o percentual de 25% possa ser revisto para até 35%. Disse também que outra possibilidade seria criar um grupo específico dos povos indígenas, pois têm um modo de vida diferente, com foco na conservação. Rogério questionou a participação dos agricultores familiares no grupo que promove a conservação. Convidou a plenária para pensar junto às sugestões apresentadas pela região do Funil em relação à repartição dos benefícios.

Edite (coordenadora Cemix) informou que analisou todas as colocações por região, que são semelhantes e dá pra entender as dificuldades que o povo Akwê sente na pele o resultado de toda falta de acesso. Disse que a repartição de benefícios foi discutida na oficina da sua região, mas que não chegou a ser apresentada como uma ação. Ela disse: “Nós percebemos e calculamos, mas não colocamos. A região Funil nos traz a porcentagem de 35% e isso não é nada mais do que uma pequena parcela do que o Brasil deve pra gente, afinal quem mais preservou os biomas do Brasil foram os povos indígenas (...) agora querem nos recompensar mas é de uma forma injusta, tô vendo nesse programa a mesma coisa da colonização - o povo indígena acolheu e no final não ficou com nada”. Edite questiona porque quem preserva tem um percentual equivalente aos que destroem os ecossistemas e diz que o aumento no percentual destinado aos povos indígenas não paga a dívida, mas seria o mínimo de consideração.

Valcir Xerente (aldeia Brejo Novo) apresentou a sugestão de mapear a terra Xerente para identificar a área da floresta existente no território antes de definir o percentual a que tem direito, para, a partir dos dados, avaliar se está sendo justo ou não o valor sugerido. Valcir perguntou se existe a possibilidade de fazer a pesquisa para definir qual área precisa ser conservada e a extensão que pode ser cultivada. Reforçou que a comunidade tem que fazer o planejamento para o futuro.

Carmelita (aldeia Nova Aliança) considera que o programa jurisdicional está sendo construído e questiona por que não separar uma porcentagem só para os indígenas, que, na sua visão, são aqueles que mais preservam. Ela considera injusto o que foi proposto.

Marquinhos Karajá (Arpit) acredita que a melhor saída para os povos indígenas é saber qual será o percentual específico para eles. O líder considerou: “Quando coloca 35%, tem que definir qual é a porcentagem dos indígenas, se for de 15% já é um grande avanço”. Ele observou que têm ações que não vão entrar no programa do JREDD+, ressaltando que as ações que serão contempladas serão as que fortalecem a proteção ambiental. Marquinhos finalizou: “Por isso acho interessante definir o nosso percentual para dar uma linha de discussão onde podemos brigar para ampliar”.

O moderador João (Plantuc) convidou Rose (ponto focal/Semarh) para explicar melhor a repartição de benefícios.

Rose (consultora Tocar) explicou que o JREDD+ é uma política pública com diversos personagens, com algumas semelhanças e diferenças. Que a própria luta dos grupos prioritários são diferentes e que a política pública precisa respeitar. Rose disse que o programa está se propondo a construir essa política baseada no respeito, por isso quando as informações levantadas nos territórios Funil e Xerente (povo Akwê) são comparadas com as dos outros territórios, percebem-se questões muito semelhantes e também há semelhanças em algumas ações da agricultura familiar. Rose disse que todas as ações estão sendo consideradas e existem demandas que estão sendo endereçadas, citando como exemplo a construção de escolas e creches, dentro do que está sendo definido e qual será o impacto dessas ações no território. Rose explicou que o processo de consulta está chegando a metade do percurso e que na audiência pública estará o documento consolidado de todos os povos indígenas. Ela acrescentou: “Lá o JREDD irá definir o primeiro investimento, a ação prioritária dessas comunidades, e todos irão enxergar o que irá acontecer em quatro anos. Teremos que esperar todo esse tempo? Não, esse é um processo vivo e a partir do momento que o programa começar a funcionar estará sendo revisado e refeito à medida que será necessário. Por isso, temos o ponto da entidade representativa, pois ela é o elo entre a governança e os territórios”. Rose destacou que novas ações podem ser incluídas antes ou até mesmo depois da audiência pública.

Rose chamou a atenção para outro ponto considerado pelos presentes: “O povo indígena não estava preparado para falar do JREDD? Vamos colocar isso como uma ação - capacitação da comunidade para o JREDD+. O programa é pra isso, um financiamento ponte”. A ponto focal disse para os presentes aproveitarem a oportunidade da formação e que estejam atentos às informações no site do programa. Finalizou dizendo que só depois da audiência pública e seus desdobramentos será possível saber se o estado do Tocantins estará apto para o JREDD+.

João (Plantuc) explicou que a proposta de capacitação para o JREDD+ havia sido colocada na oficina da região Porteira (Krité).

Isabel (ponto focal do estado) falou sobre as semelhanças das ações apresentadas por cada comunidade e que estava organizando as ideias para transcrever na Ajuda Memória. Disse que nenhuma proposta seria excluída e reforçou a importância de deixar tudo registrado. Em seguida, a ponto focal questionou se o arranjo estava adequado, abrindo espaço para contribuições.

Indicação da Entidade Representativa

Passando para o terceiro objetivo da oficina de consolidação, o moderador João propôs definir a indicação da entidade representativa dos povos indígenas na governança do JREDD+ e convidou a ponto focal Rose (Semarh) para fazer uma explicação.

Rose (consultora Tocar) iniciou sua fala destacando que havia percebido na organização do povo Akwê o respeito aos anciãos e às mulheres. Em seguida, explicou que os diversos personagens envolvidos no JREDD+ precisam ter sua representação em todos os processos do programa, o que significa “olhar, monitorar e conduzir o processo para a repartição de benefícios”. Rose enfatizou que esta presença garante a transparência do programa, explicando os critérios para que a entidade representativa possa ocupar o espaço na Cevat (Comissão Estadual de Validação e Acompanhamento da PEPSA - Política Estadual de Pagamento por Serviços Ambientais) e no Conselho Diretor do Fundo Clima. Rose disse: “Nos povos indígenas, precisamos que este assento seja ocupado por uma organização de âmbito estadual, que seja reconhecida nacionalmente e não faça distinção entre os povos. Temos a Arpit (Articulação dos Povos Indígenas do Tocantins), organização que contempla todos os critérios para fazer parte da instância de governança”. A ponto focal do Estado falou que nas oficinas de consulta com os povos indígenas está sendo perguntado se a Arpit pode ser a organização a ocupar o espaço de representação no JREDD+.

Clarisse (Funai) disse que queria lembrar algumas ações importantes já trabalhadas nas oficinas. Explicou que na estrutura do Coema (Conselho Estadual de Meio Ambiente), que é responsável por regulamentar e definir as regras, a Funai e a Arpit têm assento. Disse que a cada dois anos essa representação é renovada e que na configuração atual, ela representa a Funai. Clarisse indagou: “É fácil fazer a representação diante dos demais atores? Não é! Lutamos para que houvesse representação dos povos indígenas”.

A representante da Funai seguiu sua explicação citando que dentro do Coema está a Cevat, que será responsável por validar e dar transparência ao Programa e também fará a análise e validação dos projetos. Clarisse lembrou que além do Governo, um instituto de pesquisa e representantes das organizações da sociedade civil integram a estrutura e é para ocupar assento na Cevat que a entidade representativa dos povos indígenas será indicada.

Clarisse informou que a entidade representativa dos povos indígenas também terá assento no Conselho Diretor do Fundo Clima e que nesta esfera a Funai não está presente. Todo recurso oriundo do JREDD+ vai para este fundo e o Conselho Diretor tomará decisões importantes, como a aprovação do Plano de Aplicação e execução da Repartição de Benefícios. Clarisse lançou alguns questionamentos:

- Como será a modulação das ações vinculadas aos subprogramas? Se passarão pela CEVAT?

- A governança vai definir também o modo de acesso. Se será por edital, quem poderá acessar? Como o recurso vai virar um projeto que poderá ser acessado dentro do território indígena?

A representante da Funai considerou: “Supondo que seja a Arpit a representante, que esta entidade tenha condições de levar até a esfera de Governança e se fazer representada”.

Rose (consultora Tocar) informou que todos os órgãos e entidades diretamente ligados ao JREDD+ estão presentes na Cevat e que a comissão já possui 15 representantes e o número mínimo seria de nove entidades. Rose explicou que compete à Cevat receber as informações técnicas e discutir os dados. Que diversas câmaras técnicas (CT) podem ser criadas para ampliar e desdobrar as informações em áreas de interesse. Citou como exemplo a CTs de contabilidade e dos subprogramas do JREDD+, sugerindo que poderia ser criada uma CT exclusiva para os povos indígenas. Rose trouxe como exemplo o programa do Acre, onde existem CTs para a agricultura familiar e para as mulheres. Explicou a diferença entre as competências da Cevat e do Conselho Diretor do Funclima: “A Cevat é quem pensa, que valida as informações e o plano de investimento. Já o Conselho Diretor do Fundo Clima vai cuidar da execução do programa”. Rose informou que a representação no Conselho do FunClima é limitada a 13 membros e que, no mesmo nível de tomada de decisão da Cevat, existem o Comitê Científico e o Fórum Estadual de Mudanças Climáticas.

Marquinho Karajá (Arpit) solicitou que Julimar traduzisse a explanação de Rose na língua akwẽ.

O professor Ercivaldo interveio, solicitando uma explicação mais detalhada sobre a representatividade dos povos indígenas no processo de governança do programa para que ficasse claro porque uma entidade representativa do respectivo território não poderia concorrer e que não viu nada que mostrasse que somente uma entidade de nível estadual poderia ocupar a vaga.

Rose (consultora Tocar) disse que a questão levantada era importante. Lembrou que a entidade representativa dos povos indígenas terá assento tanto nas instâncias técnicas de avaliação e monitoramento, como a Cevat, e no Conselho Diretor do Fundo Clima, que vai cuidar da aplicação dos recursos. A ponto focal destacou que todos os personagens do JREDD+ terão uma cadeira e falou sobre os subprogramas, entre eles o dos PIQPCTAF. Repassou novamente a hierarquia do Programa JREDD+.

Rose (Semarh) citou nominalmente as entidades Copiax e Icapib, que são organizações que representam somente um determinado povo, e por isso não poderiam tomar assento nas esferas de governança. Ela explicou que a entidade representativa precisava ter o caráter de uma grande confederação, que recebe todas as organizações territoriais, conforme prevê a Lei 4.111/2023 - PEPSA. As entidades locais poderão executar os projetos dentro dos territórios. Rose também informou que o JREDD+ terá a unidade de gerenciamento, que funcionará como o braço administrativo dessa política pública.

Ercivaldo traduziu o que Rose disse para a língua akwẽ. O professor disse que havia feito a mesma provocação na oficina realizada no Brejo Comprido com o

objetivo de que o povo compreendesse que se trata de uma representação em nível estadual e que conseguisse pensar nas entidades e associações que têm essa abrangência. Ele finalizou dizendo que acreditava que o povo estava entendendo o que foi explanado.

Rogério Xerente (aldeia Aparecida/Belo Horizonte) disse que deu para compreender que a Arpit não será a entidade que receberá o recurso, mas atuará como se fosse uma consultoria. Parabenizou a colega Clarisse pelas intervenções feitas que ajudaram nesse processo de compreensão da governança do JREDD+. Rogério propôs a criação de um Comitê dentro da Arpit exclusivo para fortalecer e discutir o programa JREDD+, com a presença de todos os povos indígenas do Estado. Outra questão levantada por Rogério se refere à presença da Funai na gestão do Fundo Clima. Ele defende que a presença do órgão contribui para o esclarecimento de dúvidas e no processo burocrático e solicitou a inclusão da Funai no processo de governança.

Jacira (aldeia Montes Belos) considerou que a questão da entidade representativa já estava apaziguada. Aproveitou o momento para questionar se o programa JREDD+ poderia criar editais nos moldes das Leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo, onde os recursos podem ser acessados por meio do CPF. Ela defende essa modalidade justificando que, dependendo da associação, o projeto pode não dar certo.

Rose (consultora Tocar) agradeceu a contribuição e garantiu que a sugestão seria registrada e encaminhada. Rose disse que a Cevat vai definir a forma de acesso aos recursos do JREDD+ e, como o programa está em construção, a questão pode ser analisada.

Marquinhos Karajá disse que a Arpit é uma organização de todos os indígenas do estado do Tocantins. Ele comentou sobre o papel da Arpit na governança do JREDD+, destacando que a entidade não poderá concorrer aos editais por estar na instância de monitoramento e transparência. O presidente disse: “Nossa responsabilidade é acompanhar as organizações de base para que o projeto dê certo, ou seja, articular e defender os direitos dos povos indígenas”. Marquinho aproveitou para informar que este ano haverá eleição para a diretoria da Arpit, convidando o povo Akwê para participar do processo.

Rose (consultora Tocar) perguntou se todos haviam entendido sobre o papel da entidade representativa dos povos indígenas na governança do JREDD+. A plenária acenou positivamente.

Rogério pediu a palavra e indagou ao presidente da Arpit se haveria a possibilidade de criar um comitê voltado ao JREDD+ na estrutura da entidade.

Marquinho Karajá (Arpit) se comprometeu a avaliar juridicamente qual seria o melhor arranjo para que as comunidades sintam-se representadas e tenham espaço para discutir a política pública. Deixou em aberto possibilidades como a criação de um comitê ou conselho.

Para finalizar a indicação de entidade representativa dos povos indígenas para a governança do JREDD+, a ponto focal Rose (Semarh) perguntou: “Todos concordam em ser a Arpit?” A plenária informou que tinha decidido pela Arpit.

Na sequência, o ponto focal Isabel (Semarh) fez a leitura das ações prioritárias do povo Akwê para o subprograma PIQPCTAF do JREDD+. A plenária consentiu com o agrupamento feito. Para evitar repetição do conteúdo, considerando seu tamanho, optamos por registrar somente no final deste relatório, no campo “Identificação de Demandas e Ações Prioritárias”.

Avaliação Final

Encaminhando para o fim da oficina de consolidação, a moderadora Gabriella Vasconcelos fez a conferência se os três objetivos propostos haviam sido cumpridos. Em seguida, convidou os presentes para fazer a avaliação da oficina, destacando pontos negativos e positivos.

O cacique Maciel (aldeia Sítio Novo) agradeceu ao estudo oferecido durante as oficinas. Aproveitou para reconhecer a importância do levantamento que a Sepot está fazendo sobre a vida e organização dos povos indígenas do Tocantins. Disse: “Não se pode conhecer um grupo sem conhecê-lo de fato - essa é a nossa vida e organização social. Nós também queremos conhecer o que está sendo feito, até porque também estamos sendo atingidos”. Finalizou acrescentando que espera que os benefícios cheguem até o povo Akwẽ.

Gabriella (Plantuc) perguntou se mais alguém gostaria de contribuir. Não havendo mais participação, a moderadora fechou a avaliação e solicitou que os presentes fizessem a assinatura da Ajuda Memória.

A programação da oficina de consolidação com o povo Xerente foi encerrada por volta das 17h30.

IDENTIFICAÇÃO DE DEMANDAS E AÇÕES PRIORITÁRIAS

1 - PRODUÇÃO AGRÍCOLA:

- Apoio para: criação de peixes, porcos, aves, apicultura, gado indígena, porcão, queixada e paca;
- Apoio para: roça tradicional, roça de toco, produção de milho, hortaliças, mandioca, arroz, feijão, banana, batatas, inhame, coco, laranja, sementes e mudas tradicionais;
- Criação de casas de farinha;
- Roça mecanizada em pequena escala;
- Alimentação tradicional e segurança alimentar.

2 - AQUISIÇÕES:

- Máquina para limpar arroz;
- Ferramentas para roças (rastelo, enxada, foice, machado, carrinho de mão, motosserra);
- Aquisição de materiais para fiscalização e monitoramento.

3 - INFRAESTRUTURA COMUNITÁRIA:

- Projeto de casas populares; casas de alvenaria; melhoria de casas respeitando a tradição;
- Orientação para evitar a queima de casas;
- Estrutura de comunicação, ampliação do sinal de internet e celular;
- Energia elétrica e solar;
- Abastecimento de água potável e poço artesiano;
- Estradas;
- Para-raio;
- Biodigestores;
- Pista de pouso.

4 - EDUCAÇÃO INDÍGENA:

- Educação ambiental;
- Ensino e fortalecimento sobre o território Akwẽ;
- Material pedagógico.

5 - CONSERVAÇÃO:

- Viveiros;
- Reflorestamento e recuperação de áreas degradadas;
- Proteção e recuperação das nascentes;
- Monitoramento da água;
- Coleta seletiva e separação de resíduos;
- Brigada própria e permanente Akwẽ.

6 - CAPACITAÇÃO:

- Educadores ambientais/agentes ambientais;
- Capacitação para: liderança, artesanato, educação financeira, parteiras, plantas medicinais, corte e costura, formação política para jovens, brigadistas, captação de recursos via projetos, motoristas;
- Capacitação para a participar do JREDD+ (apoiar jovens a participar do JREDD+);
- Consultoria para a escrita de projetos;
- Cursos profissionalizantes para Akwẽ;
- Capacitação nutricional e cultural;
- Previsão de orçamento para caciques em projetos.

7 - PROTEÇÃO TERRITORIAL VIGILÂNCIA:

- Equipamentos para fiscalização;
- Fortalecimento das brigadas existentes;
- Guarita, veículos e barcos;
- Contratação para guardiões da floresta e agentes florestais;
- Fiscalização das margens do rio Tocantins;
- Fiscalização eletrônica;
- Capacitação para operar drone.

8 - FORTALECIMENTO DAS ORGANIZAÇÕES AKWE:

- Capacitação e logística para participar em eventos;
- Criação de associações;
- Oficinas para jovens e mulheres;
- Consultoria jurídica e contábil.

9 - FORTALECIMENTO CULTURAL:

- Festas culturais; apoiar manifestações culturais;
- Participação em eventos indígenas; intercâmbio entre etnias;
- Apoio e fortalecimento ao conhecimento dos pajés;
- Esportes culturais;
- Preservação da língua; ensinar aos jovens os cantos;
- Encontro de anciãos e anciãs;
- Audiovisual;
- Centro cultural Akwẽ/Museu cultural Xerente.

10 - GERAÇÃO DE RENDA:

- Ecoturismo e etnoturismo;
- Artesanato: produção de capim dourado, buriti e outras culturas úteis; compra de miçangas; técnicas de manejo de matéria-prima; espaço para venda; organização de mulheres para a venda de artesanato; oficina de artesanato masculino e feminino;
- Feira de sementes;
- Estudo de viabilidade de venda de água;
- Cooperativa de artesãos;
- Produção e venda de roupas;
- Produção e venda de massa de bolo.

11 - RESPONSABILIDADE DO GOVERNO:

- Estradas;
- Ampliação e reforma de: escolas, postos de saúde, farmácias e consultórios odontológicos;
- Abastecimento hídrico;
- Saneamento básico;
- Vigilância territorial;
- PNGAT.

12 - ENCAMINHAMENTOS AO ESTADO:

- Aumento do percentual destinado aos subprograma PIQPCTAF de 25% para 35%;
- Editais de acesso aos recursos do JREDD+ como as leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc;
- Cadastro de pessoas beneficiárias do JREDD+;
- Fortalecimento das ações dos órgãos de proteção (Ibama/Funai).

13 - FORTALECIMENTO DA MEDICINA TRADICIONAL:

- Resgatar o conhecimento e ensinar para os jovens.

REPRESENTANTES SELECIONADOS PARA AUDIÊNCIA PÚBLICA EM PALMAS

Região Funil: Rogério Srõne, Elson Kresu, Sílvia Kêti

Região Rio Sono: Valcir Sumekwa

Região Tkaiwe: Tony Kirtitênkê

Região Porteira: Kleber Wairurã e Jacira Sekwahidi

Região Suprawahã: Edite Smikidi

Região Brejo Comprido: Ercivaldo Damsôkekwa

Região Brupré: Marcelo Simripte

Avaliações e resultados da oficina

A Oficina de Consolidação do programa jurisdicional JREDD+ com o povo Xerente, realizada no Cemix, alcançou os objetivos propostos: encaminhamento de demandas e ações prioritárias, escolha de representantes para a audiência pública e indicação de entidade representativa para as esferas de Governança.

Houve sensibilidade por parte dos moderadores para alterar a ordem da programação, acolhendo os anseios dos presentes que desejavam resolver prioritariamente a indicação dos seus representantes. O povo Xerente não aceitou a proposta de quatro delegados (quantidade definida para os povos indígenas com mais pessoas), alegando terem dois territórios distintos, possuir a terra de maior extensão e grande número de pessoas. A proposta apresentada pelo grupo - 10 representantes, sendo 3 da região do Funil e os demais (7) com pelo menos um representante por região - foi considerada pela equipe organizadora, que deixou clara a impossibilidade de validar a proposta naquele momento, pois a mesma precisa ser analisada e aprovada pelo GT Salvaguardas.

As ações prioritárias discutidas em cada oficina foram apresentadas em painéis, aninhadas por eixos temáticos. Havia muitas demandas recorrentes entre as comunidades, como a necessidade de investimento em saneamento básico (principalmente água potável) e a proteção e o fortalecimento da cultura Xerente. Todas as ações foram descritas na Ajuda Memória e seguirão para as próximas

etapas do processo de criação da política pública do JREDD+ Tocantins.

Apesar da Arpit (Articulação dos Povos Indígenas do Tocantins) ter sido bastante questionada durante as oficinas de consulta por região, especialmente pela inexpressiva presença no território Xerente, os presentes validaram a entidade como representante estadual no escopo de Governança do JREDD+.

REGISTRO FOTOGRÁFICO



Credenciamento



Anciãos do povo Xerente se apresentando



As dez indicações de representantes
Akwe



Contribuição FUNAI



Consolidação das ações importantes



Leitura ajuda memória